

O CORPO GORDO NOS CONSTRUCTOS SOCIAIS E CULTURAIS: DESMISTIFICAR E REPENSAR REALIDADES E IDENTIDADES

Fabiana Eboni¹
Viviane Castro Camozzato²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas problematizações sobre o corpo gordo, desmistificando algumas das suas ditas verdades presentes na sociedade contemporânea. A pretensão é levar os leitores e leitoras a uma percepção maior do corpo e suas mudanças significativas ao longo dos séculos. Apresento de uma forma mais profunda partindo da visão do gordo perante as mudanças, falando de autoestima, concursos plus size, preconceitos, gordofobia e empoderamento. Levando um pouco mais de compreensão e conhecimento sobre esse assunto muitas vezes apresentado de forma errônea ou ainda com uma visão retrograda, carregada de preconceitos. A metodologia traz uma abordagem qualitativa com um olhar voltado para discussões reais e atuais, apresentando o outro lado das questões envolvendo o corpo, onde o gordo é sempre motivo de fervorosas discussões e críticas, mas nunca questionado sobre a sua realidade diferente do que a maioria da sociedade conhece.

Palavras-chaves: Corpo gordo, gordofobia, identidade.

INTRODUÇÃO

A relação das pessoas com seus corpos são repletos de cobranças e negações, o que não é diferente com o corpo gordo. Importa ressaltar, nesse sentido, que mesmo que muitas pessoas associem o corpo gordo ao descuido, desprendimento e descomprometimento com ele mesmo, tal conjunto de sentidos não é único. Isso porque também existe, por parte de quem esteja corporalmente gordo, preocupações com o corpo e a saúde. Ou seja, os significados e sentidos nunca são únicos e completamente generalizáveis, mas passíveis de aberturas na medida em que cada indivíduo é único e precisa ser pensado a partir desse entendimento. As pressões estéticas, devido a isso, precisam ser associadas a

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS/Bagé. E-mail: fabieboni@gmail.com

² Orientadora. Doutora em Educação. Professora adjunta da UERGS. E-mail: viviane-camozzato@uergs.edu.br

constructos sociais e culturais que tem sido imperativos em nosso mundo. E justamente por isso, ainda, precisam ser questionadas e repensadas.

Pensando nisso, resolvi escrever um pouco sobre o corpo gordo a partir de meu olhar específico. Coloco-me neste artigo como mulher gorda que sou. Apresento um pouco da realidade presenciada por mim ao longo dos anos. Aprofundo minha escrita com a corroboração de autores como Sibilia (2004), Camozzato (2007) e Tucherman (2007), entre outros. Confesso que tive dificuldades para encontrar escritas sobre o assunto aqui abordado. O corpo gordo quase não aparece nos livros e, quando aparece, tem uma abordagem mais crítica e corretiva sobre o gordo.

Assim, trago um questionamento que me perturba, principalmente nessa era digital onde vemos a propagação de ódio gratuito sobre pessoas gordas diariamente nas redes sociais. Por que o corpo gordo perturba tanto a sociedade? Mesmo em uma era digital, onde se tem um acesso mais fácil ao conhecimento, vemos pessoas que acreditam na existência do corpo padrão/perfeito e, partindo desse princípio, tudo o que estaria fora do padrão seria errado e repulsivo.

Tenho como objetivo geral expor o corpo gordo, desconstruindo algumas das construções de verdades assimiladas pela sociedade ao longo dos anos. Com isso espero especificar o corpo gordo, apresentando algumas das suas múltiplas realidades e expor, nesse ínterim, aspectos tanto da visão de quem é gordo quanto da sociedade em geral – relacionando, nesse processo, os diferentes pensamentos e preconceitos em relação aos corpos gordos.

Com esse conjunto de movimentação espero esclarecer algumas dúvidas e apresentar outra visão do corpo gordo através dos olhos de quem é gordo e vivencia todo o peso de ser diferente dentro de uma sociedade ainda impositiva, que cultiva uma herança cultural que oprime as pessoas que são diferentes do que se acredita ser o “correto”, a “norma”, o “perfeito”.

O CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA: UM OLHAR PANORÂMICO

De esbelta a roliça e de natural a pintada, a silhueta e o rosto femininos foram correspondendo às diferentes condições de dieta, de estatuto e de riqueza, dando origem a novos padrões de aparência e gosto, a novos ideais de beleza e de erotismo. (Grieco, 1991, p. 81).

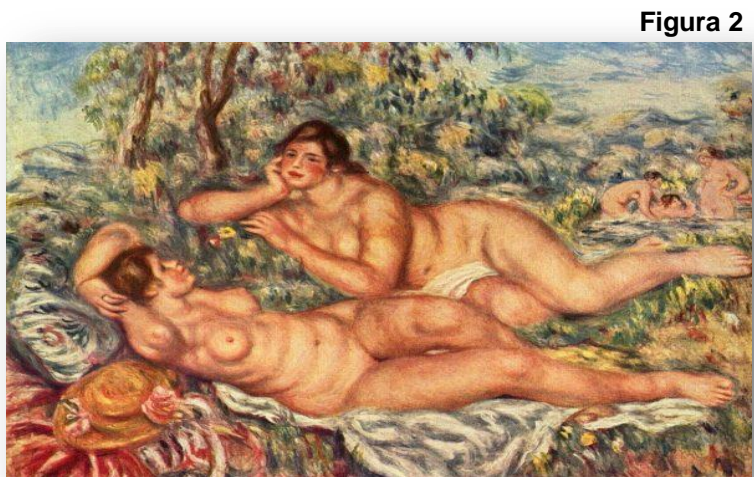
Dentre muitas literaturas o corpo inicia sua história como receptáculo da alma, Como na idade média, onde o flagelo e a abstinência eram atos cotidianos em busca da salvação da alma. Na visão histórica que segue abaixo, por sua vez, o corpo carnal e como este foi admirado e moldado com o passar dos tempos ganha prevalescência.

A visão do corpo vem sendo alterada ao longo dos séculos. Cada civilização vislumbrava o corpo de sua forma específica valorizando ou depreciando conforme suas crenças. Com o crescimento e as transformações das civilizações juntamente com o desenvolvimento social, esse corpo sofreu múltiplas mudanças. Contudo, o que se percebe inserido em inúmeras narrativas é o espelhamento, ou seja, a visão de um modelo de corpo a ser seguido dentro do convívio social.

Ao analisarmos o corpo no passado percebemos o culto a corpos volumosos, fartos, como na Pré História, onde os corpos com seios e quadris grandes eram símbolo de fertilidade, partindo da própria representação de Vênus, esculpida há mais de 22 mil anos (Fig. 1). Deusa da fertilidade, representada com um corpo volumoso com seios fartos, barriga saliente, que representavam a maternidade, considerado o maior atributo da mulher na época. Devido a isso, esses corpos eram os mais idealizados, venerados como perfeitos para a época. Corpos, vale salientar, articulados aos constructos sociais e culturais dessa época.



Já no Período Renascentista, um “corpo gordo” era indício de uma vida opulenta e a representação do ideal feminino estava profundamente ligada à riqueza e à vida ociosa dos mais ricos. Considerando isso, neste tempo e espaço os corpos magros remetiam à pobreza e à miséria da época. Podemos perceber



isso, ainda, nas representações artísticas da obra “*As banhistas*” (1919), quadro renascentista do pintor francês Renoir (Fig. 2). Este quadro representa mulheres curvilíneas que, cabe salientar, até o final do século XVIII foram exaltadas por terem curvas exuberantes ainda permanecia como padrão de beleza mesmo escondido sob vestimentas volumosas que alteravam sua forma com a inclusão de um simples acessório.

Dando a forma de ampulheta ao corpo – o que para muitas mulheres pode ser visto como símbolo de tortura diária – o espartilho, utilizado para acentuar a cintura que, nesta época, quanto menor mais bonito seria considerado o corpo, o uso desse acessório ainda é cultuado nos dias de hoje. Não tanto como no século passado, mas existem muitos adeptos do espartilho que o utilizam para alterar a forma do corpo e diminuir o tamanho da cintura, enquanto outros o usam como vestimenta sexy.

Com a escassez de alimentos na Europa, a fome passou a modelar o corpo obrigatoriamente. O que, por sua vez, fez com que os corpos gordos, antes venerados, se transformassem em sinônimo de fracasso pessoal. Na década de 1950 acontece a erotização do corpo, posto que ele apareceria mais curvilíneo e também à mostra, representados por atrizes como Marilyn Monroe³. É nesse período que tem início o tom mais imperativo da mídia, ditando normas aos corpos e a seus sujeitos.

Porém, logo esse modelo curvilíneo foi substituído, dando início a um modelo de corpo que perduraria por décadas. Mais representado na época, sobretudo, pela modelo londrina Twiggy⁴, símbolo de elegância e beleza, assim como de uma magreza extrema que venerava um corpo com linhas quase retas e uma fragilidade visível. Nesse ínterim, a busca por um corpo tido como perfeito e ideal passou a ser cada vez mais valorizado, tendo suporte em revistas, desfiles, telenovelas, entre outros lugares de aprendizagem que tem se disseminado em nossa sociedade.

³ Atriz, modelo e cantora estadunidense. Atingiu uma enorme fama no cenário de cinema de Hollywood. É considerada um dos maiores símbolos sexuais do século XX.

⁴ Com o nome artístico de Twiggy, Lesley Lawson foi uma modelo, atriz e cantora britânica. Considerada uma das primeiras supermodelos do mundo, sua imagem quase andrógina, macérrima, pequena, com cabelos loiros muito curtos e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços, a tornaram um ícone da moda e de estilo dos anos 1960.

Importante registrar, nesse olhar panorâmico sobre o corpo, que a medicina teve um papel importante na construção sociocultural sobre o corpo. Seja mediante a distribuição de manuais de saúde, visando alcançar um corpo visto como “ideal”, como expressa o primeiro manual de saúde⁵, disseminado na Europa do século XIX, que diz o seguinte, em seu prefácio: “a cultura física visa desenvolver a beleza natural e simétrica do corpo humano, tornando-o apto e capaz, em todas as fases da vida moral, para obedecer e cumprir a vontade de seu mestre supremo, a mente”.

No século XX a mulher volta a ter curvas, mas o corpo gordo ainda é visto como fracasso. Como consequência dessa mudança vemos a busca pela igualdade de gêneros. Desse modo, o corpo passa a assumir, também, valores masculinos de força e virilidade refletidos não só na personalidade, mas também no corpo que se torna mais sarado⁶, com músculos mais aparentes, perdendo a visão de fragilidade feminina. Nesse século a mulher é símbolo de inteligência, força e beleza. Uma das personagens midiáticas que ajudam a moldar e construir a nossa sociedade, e que pode ser trazida para esta conversa é a Lara Croft, personagem dos jogos eletrônicos e, posteriormente, do filme *Tomb Rider*, este interpretado por Angelina Jolie, que ganhou curvas bem moldadas, ares de força e que luta por causas nobres.

Outro ícone da época é cantora estadunidense Madonna, que exhibe, segundo alguns analistas, um culto ao hedonismo⁷ e um corpo musculoso usado de veículo para afirmar suas ideias e posicionamentos. Uma versão que permanece até os dias de hoje, onde vemos a luta por espaço de mulheres que se intitulam “reais” perante a uma crescente massa de corpos siliconados, moldados cirurgicamente, processados até o último fio de cabelo em busca de uma perfeição muitas vezes inatingível.

⁵ Os manuais de saúde populares do século XIX traziam exercícios físicos para toda a família “entrar em forma”. Fonte: História da moda Plus Size. Disponível em: <http://www.fashionbubbles.com>

⁶ Palavra muito usada para identificar um corpo moldado por músculos bem definidos, usando de um termo que representa “cura” como se isso fosse a “cura” para a gordura, para a obesidade.

⁷ Hedonismo consiste em uma doutrina moral em que a busca pelo prazer é o único propósito da vida. Fonte www.significados.com.br/hedonismo/

O corpo, conforme Tucherman (2007, p. 11), “é uma construção pessoal de múltiplas metamorfoses”, onde o interesse maior está equivocado em ter um corpo esquecendo-se de ser um corpo. O que altera, nessa direção, o curso natural em prol de uma satisfação muitas vezes passageira. Essa tendência de corpo tem sido propagada de todas as formas pelas mídias, idolatrando uma versão de corpo perfeito conquistado de forma muitas vezes tortuosa, mas mostrado como uma necessidade para a aceitação dentro de uma sociedade que alça a imagem pessoal padronizada como cânone, norma, e como imagem a ser propagada e generalizada na esfera social.

Compreender e problematizar os constructos sociais e culturais dessa discussão é, a meu ver, de interesse da educação, uma vez que somos produzidos em uma pluralidade de instâncias e lugares de aprendizagem. Cada sujeito é, assim, tecido por muitas redes de significação que precisam passar por análise e desconstrução, como é a tentativa deste artigo.

O MUNDO PLUS SIZE

Plus Size, que em português significa “tamanho maior”, é o termo que surgiu dentro do mundo da moda para definir os modelos de roupas com numeração acima do padrão. Isso quer dizer que pessoas que usam a partir da numeração 44/46, segundo os estilistas, fazem parte dessa categoria. Mas na prática há uma divisão maior nesse meio, colocando manequins 44 ao 48 como “curves” (que são os preferidos para trabalhos de modelo) e do 50 em diante são apresentados como plus e mais plus conforme a numeração for aumentando. Percorrendo a internet e as redes sociais, vemos uma crescente onda de exposição e imposição do corpo gordo, agora denominado plus size, seguidas de hashtags como #lovecurves, #plussize #amorproprio, dentre outros termos que marcam uma transformação do próprio eu em relação ao corpo em aceitação do ser gordo.

Há alguns anos a exploração desse termo como identificação do corpo gordo veio mudando pensamentos e atitudes de pessoas que por muito tempo se ocultaram dentro de uma sociedade preconceituosa. Atualmente vemos essa

exposição do gordo em uma avalanche de imagens, concursos de beleza, lojas especializadas e grupos de autoajuda ou, até mesmo, de exposição e sexualização de um corpo que por um longo tempo ficou escondido, foi motivo de chacota, de bullying, e que viu nessa onda uma fuga das amarras imposta pela sociedade.

Devido a isso, apresentarei da forma mais esclarecedora possível um pouco desse seguimento, suas realidades e seus objetivos mediante uma pesquisa qualitativa com base etnográfica multifatorial, escolhida por proporcionar uma flexibilidade de estudos podendo, assim, conciliar minhas vivências como corpo gordo dentro da sociedade atual e também dentro de concursos de beleza, trazendo minha visão juntamente com o relato de vivência de pessoas em diferentes posições quanto ao mundo plus size. Assim, este artigo conta com minhas experiências pessoais com mundo plus size e, ainda, com o depoimento de três pessoas que estão articuladas a tal contexto. Talvez seja possível dizer que este artigo tem uma escrita mais fluída, uma vez que está associada ao gênero ensaio, este entendido como um texto que traz um posicionamento crítico sobre certa questão ou debate, tendo o objetivo de evidenciar os posicionamentos e as reflexões a partir do objeto de estudo delineado. Experimentei, assim, “ensaiar” uma escrita crítica a respeito das inquietações que me moveram neste artigo e no decorrer de sua preparação.

Assim, e debruçando-me sobre diferentes teóricos busco esclarecer que “esse tipo de pesquisa visa a abordar o mundo ‘lá fora’... e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes” (ANGROSINO, 2009, p. 8). Dessa forma, este artigo visa revelar vários pontos dentro do culto ao corpo focando principalmente no corpo gordo e na busca por uma identidade, uma aceitação de si e dos outros, sua exposição e o viés da atual tendência plus size.

CORPO E CONSTRUCTOS SOCIOCULTURAIS: PRODUÇÃO DE IDENTIDADES

Para entendermos as divergentes visões do corpo gordo é necessário compreender a visão sociocultural do mesmo, aprofundando o olhar na construção de identidade.

Temos nosso corpo como contato primário perante a sociedade. Com isso é quase que instintiva a preocupação com a visão de si no olhar do outro. Contudo, o quão importante essa visão realmente é? Atualmente há uma “luta” por espaço. Mas após tantos anos quase invisíveis dentro da sociedade mais ditatorial de culto ao corpo padronizado, percebe-se que muitos ainda apresentam alguma resistência em assumir seus corpos. É socialmente construída a exigência de comparação com os pares, com demais indivíduos de uma mesma sociedade. O processo de diminuir a imagem do outro para elevar a própria é recorrente e latente. Nessa perspectiva, as diferenças ainda não são aceitas e a identidade individual ainda é uma busca constante.

Na visão atual, o corpo gordo ganha espaço e visibilidade. Pessoas que por anos esconderam seus corpos dos olhares da sociedade hoje buscam seu espaço ao sol, também no sentido literal. Essa exposição em massa de corpos criou vários caminhos onde, principalmente as mulheres⁸, “abraçaram” a causa e hastearam a bandeira plus size, aceitando suas formas reais, lutando contra preconceitos e, principalmente, ajudando outras mulheres a aceitarem seus corpos, na perspectiva do olhar de si mesmo e não do outro. Mas, como Silva (2002) argumenta, quando comparou a guerra entre sérvios e croatas, existem muitas diferenças mesmo dentro de um grupo de “iguais”. E é essa diferença que alimenta a criação de identidade em uma constante relação de poder, onde identidade e diferença “têm que ser constantemente criadas e recriadas”, pois elas “tem a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição.” (SILVA, 2002, p. 96).

A identidade cultural plus size, absorvida pela massa criou caminhos individuais onde rótulos foram distribuídos e diferentes grupos apareceram. Alguns buscando uma – ao menos suposta – “real” liberdade de expressão e o fim da gordofobia em uma tentativa de convivência pacífica com os não gordos, e mostrando que há espaço para todos, mesmo que muitos não acreditem. O rótulo plus size foi rapidamente assimilado pelo mercado de consumo, criando uma máquina que tem englobado processos complexos, incluindo pessoas que

⁸ Ao longo da história vemos a mulher como mais oprimida e exigida em relação ao corpo.

constroem a sua identidade plus size a partir da validação do olhar dos outros, como corpos-imagens a serem apreciados e validados por sujeitos externos nesse grande mercado cultural dos corpos que funciona na sociedade contemporânea. Há também as que necessitam dividir em categorias os corpos por níveis de gordura para, assim, realmente se sentirem acolhidas em um grupo.

Existem grupos variados e um é criado a cada dia, pois trabalhar, falar, exibir e defender o corpo gordo virou forma de comércio crescente a cada dia e em guerra com médicos reais e “momentâneos”, que insistem em citar uma preocupação com a saúde do corpo gordo velando por trás comentários preconceituosos e excludentes de um grupo que acredita que o corpo ideal está estampado em uma revista editada por vários e moldado por cirurgias e mais cirurgias reparatórias.

ARTICULAÇÕES ENTRE O CORPO E A BUSCA CONSTANTE DE ACEITAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

Falando em construção da identidade, mas agora, aprofundando o olhar ao indivíduo desde sua infância, compreendemos que todo conhecimento adquirido se inicia na infância, e é nela que os valores são firmados. Assim, entendemos que nenhuma criança nasce racista, preconceituosa ou machista, são valores socioculturais que lhes chegam e constroem através de gerações e lugares de aprendizagem diversos. Sabemos o quanto a criança é suscetível e toma para si como certo ou errado o que lhes é ensinado levando consigo essas marcas da sociedade gravadas na construção de suas subjetividades e identidades.

Talvez você esteja se perguntando qual a relevância desse assunto para o contexto geral. É muito significativo, uma vez que vamos falar dessa herança sociocultural e do que está impregnado nas pessoas desde sua infância. Início citando a polêmica do título escolhido. Enquanto decidia qual seria a titulação deste artigo apresentei a algumas pessoas mais próximas para que me ajudassem a escolher uma que realmente fosse interessante aos olhos dos futuros leitores. Sendo assim, as palavras “o corpo gordo” sempre estiveram em destaque em minhas sugestões. Qual não foi minha surpresa perceber o quanto esse termo

incomodava e, toda vez, seguia de uma explicação minha sobre os motivos para a escolha e como era importante essa expressão.

Se formos analisar desde a infância somos bombardeados de expressões preconceituosas – mesmo que, algumas vezes, sem intenção –, influenciando nossas percepções sobre o corpo e a necessidade de uma aceitação vinda da sociedade e do meio em que se vive.

Foram várias formas de colocar o gordo como algo errado, como feio, como se o fato de ser gordo te tornasse incapaz de ter uma vida “normal” e uma vida social ativa. Com essas memórias nos tornamos críticos de nós mesmos. Como já disse, as heranças socioculturais estão impregnadas em nós e com elas vem (dentre tantas outras) o preconceito. Não falo aqui apenas do preconceito entre indivíduos, mas também do preconceito de si mesmo perante os outros do eterno sentimento de ter que se encaixar em algum lugar, tempo ou espaço, por isso é tão chocante denominar o próprio corpo de “corpo gordo”. É muito mais fácil criar adjetivos que suavizam a visão do gordo a si mesmo. Termos como gordinha, fofinha, grandinha, são os mais usados na tentativa de suavizar o peso do preconceito incrustado na palavra GORDO, retirando da mesma a real função de adjetivo e utilizando como forma de agressão.

Na sociedade contemporânea ouvir ser chamado de gordo toca profundamente em feridas criadas por uma sociedade onde a hipocrisia impera constantemente, onde nós somos os mais preconceituosos com nossa realidade, pois alimentamos uma memória de imposições e seguimos um mercado de aparências que quer apenas lucrar com o medo de envelhecer, de morrer e com a insegurança dos indivíduos. “Cada vez mais, a subjetividade parece se ancorar na exterioridade da pele”, afirma Sibilia (2004, p. 70), apresentando corpos “perfeitos” saturados de foto shop, mas que mesmo assim vendem uma visão distorcida de corpo como sendo ideal e único. Camozzato (2007, p. 20) nos fala sobre a necessidade de afirmação do indivíduo e a procura constante por aceitação, “pois parece que, paradoxalmente, só com a aceitação dos outros nos sentiremos bem com nós mesmos”. E é essa frustrante procura pela perfeição que leva pessoas, muitas vezes, a casos graves de doenças ou depressão e, conseqüentemente, a um

alto grau de autodestruição, mutilando o próprio corpo em processos muitas vezes irreversíveis.

É difícil de entender o motivo pelo qual ser gordo incomoda tanto. Carregam o peso da imagem de que são relaxados, que comem por demasiado, que são doentes, sedentários e fisicamente incapazes de executar algumas atividades. Esse estigma social fundado na falácia de que ser gordo e estar saudável não combinam, ameaça o direito à diversidade dos corpos e dificulta a aceitação pessoal. E não são os gordos que são incomodados. Muitos deles se aceitam e se amam do jeito que são, mas é difícil para as pessoas acreditarem que ser feliz e gordo é realidade de muitos.

Existe um prazer – quase que doentio – em denegrir a imagem do outro. O fato de estar “fora” do senso comum, da corrida incessante pelo corpo magro, da padronização social, o torna alvo de comentários muitas vezes agressivos e desnecessários com o único intuito de agredir e menosprezar. Por que a obesidade do outro incomoda tanto? Carregamos conceitos que muitas vezes não nos pertencem, que não foram formulados por nós, mas que ajudamos a alimentar. Camozzato (2007, p. 36) salienta, acerca disso, que:

Podemos visualizar na contemporaneidade, por conseguinte, todo um movimento incessante de procura do apagamento das marcas das diferenças em prol da construção de um mundo supostamente harmônico e que, por isso, busca minar e desativar o que difere, marcando com uma identidade o que escorrega, burla, rompe, desenquadra, suja, destoa...das monstruosas jaulas dos contemporâneos parâmetros de normalidade que engessam os sujeitos, seus corpos, seu pensamento...

E todo esse movimento de uniformizar os indivíduos, seus corpos e suas mentes, rege uma luta constante entre corpo, mente e sociedade onde o corpo gordo burla o paradigma social pejorativo de ser feio, triste, mostrando muitas vezes um indivíduo muito mais feliz e realizado, dentro de uma sociedade extremamente consumista, arquitetada pela cultura midiática tirânica, que propaga uma ideologia de corpo muitas vezes bem diferente da realidade humana.

O FASCÍNIO DOS CONCURSOS PLUS SIZE A PARTIR DE MINHAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Dentre esse meio o que mais vem ganhando espaço são os concursos de beleza, tem de vários tipos e envolvem mulheres e homens de toda faixa etária e peso. Divididos por categorias tem em seu meio os mais variados perfis, alguns concursos são apenas para competição de beleza já outros procuram novos talentos para lançarem na carreira de modelos. Os mais populares são os de miss onde, vestidos glamorosos, faixa, coroas, desfiles, entrevistas e reuniões, junto com a vontade de elevar a autoestima faz com que algumas mulheres do mundo todo se envolvam em concursos de beleza, e quando eles envolvem o corpo gordo e sua aceitação, a expectativa que cada candidata carrega é ainda maior e mais perceptível em todo o processo.

Quando uma pessoa gorda procura esse meio pode se listar vários motivos, mas o principal parece ser a auto aceitação. Essa é a primeira coisa que motiva a fazer a inscrição: se ver e mostrar aos outros o quanto é bonita da forma que se é, com seus quilos a mais e com suas formas voluptuosas. E assim foi minha primeira experiência. Fui em busca de algo que eu mesma não estava me permitindo: aceitar meu corpo do jeito que ele estava. Atualmente já me aceito e me permito ser e mudar quando achar que for necessário. Ainda participo de concursos. Tenho 6 títulos⁹, mas já não me concentro em ganhar, ou mesmo na opinião das outras pessoas. Busco o prazer, as amizades e todo o glamour que esses concursos possam proporcionar.

Cria-se, a meu ver, um fascínio, uma expectativa sobre um evento como um meio de fuga, como se sua vida dependesse daquela coroa prometida. São mulheres, meninas, todas querendo um único título. É um mundo muitas vezes ilusório, que se você não souber realmente o que você quer e o que você fará depois de tudo aquilo – com ou sem título –, poderá até mesmo ter depressão ou voltar para casa pior do que foi. É uma carga de adrenalina muito grande, são dias

⁹ Iniciei em julho de 2017 nos concursos, quando ganhei meu primeiro concurso. Sou Miss Bagé plus size 2017, Miss Rio Grande do Sul plus size 2017, Miss Brasil Beleza Absoluta plus size 2018, Miss Plus Eco Rio Grande do Sul 2018, Miss Plus Eco Turismo Brasil 2018 e Miss Plus Eco Simpatia Brasil 2018.

vividamente. Mulheres diferentes disputando um único objetivo e se inquietando: mas e se não conseguir? Acabou?

É isso que difere umas das outras, a percepção da realidade, é o se ver bonita, mas admitir que a outra possa ser mais; é querer vencer, mas perceber que o simples fato de estar ali já te faz uma vencedora, é não conquistar um título mas manter as amizades conquistadas, é não esquecer o quanto se é bonita independente de uma coroa. É essa aceitação que se quer passar, algumas até tem isso como objetivo de vida, mostrar a outras mulheres ditas “comuns”, como aquela dona de casa que acha que não tem que se arrumar, pois está acima do peso ou aquela adolescente que sempre foi gorda e sofre bullying, o que a faz acreditar que é feia por ser assim, mostrar a elas o quanto podem ser, fazer e usar o que quiserem; que sua beleza não dependa da aprovação de ninguém a não ser dela mesma, e se for possível incentivar uma única mulher por vez já teremos uma grande vitória.

No entanto, como nem tudo são flores, nesse mundo não é diferente e vemos pelos bastidores a cobiça e a inveja pairando por entre os ambientes. Ao final de cada etapa, de cada coroação, há um misto de choro com reclamações, relatos e afirmações que colocam em xeque a integridade do concurso e de seu organizador, o que de certa forma nos deixa a pensar acabando sempre com dúvida no ar.

Não posso afirmar nada a respeito deste ou daquele concurso. A única coisa certa é que existe muito dinheiro envolvido nesses eventos, e que mesmo que o discurso seja sempre o mesmo de empoderamento nada acontece se não houver pagamento, e onde há dinheiro sempre haverá intrigas. Além de tudo isso, quanto maior o concurso (título), mais disputado ele é. Mas não de forma sadia e, sim, em alguns casos, com trapagens e tentativas de boicotes entre as candidatas. Aí vem a pergunta: com tudo isso vale a pena participar desses concursos? Creio que isso depende do que você busca. Em primeiro lugar, é ter a certeza que não é a resolução dos seus problemas mas que te faz sentir muito bem se você for com a mente aberta para qualquer resultado, e também tem as amizades muitas são especiais e já valem qualquer investimento além do passeio que, se for analisar, nunca teria feito sem motivo. Assim, digo que apesar de tudo é uma experiência

inesquecível, pois você nunca mais será a mesma, há um crescimento pessoal e seu corpo já não é mais problema.

GORDOFOBIA E EMPODERAMENTO

“RIO — Ao ler um comentário ofensivo sobre seu corpo nas redes sociais, na semana passada, a cantora Preta Gil reagiu expondo o perfil da mulher que a criticou. A dançarina Thais Carla denunciou, há dois meses, um internauta que publicara uma foto sua com o marido, acompanhada de uma piada maldosa que acabou virando meme. Empoderadas e gordas, as duas são constantemente alvo de assédio, em casos típicos de gordofobia, que aumentam no verão e no carnaval, apontam especialistas.” (O GLOBO, 2019)

A notícia acima é apenas a ponta de um iceberg. Um grão divulgado na mídia em meio a tantos atos diários de gordofobia. O corpo gordo vem acompanhado de estereótipos. Partindo do próprio significado da palavra, ‘GORDO¹⁰: ETIM lat. *gūrdus, a, um* 'estúpido, pesado (sentido próprio e figurado), vagaroso', prov. de orig. hsp', sempre usada de forma ofensiva, ainda afeta muitas pessoas que não aceitam seus corpos como são.

Há vários tipos de gordofobia, como a quem vem do campo da medicina, por exemplo, onde relatos de atendimentos médicos em diversos tipos de especialistas falam da associação do problema de saúde pelo qual a pessoa procurou ajuda com o sobrepeso do mesmo. Casos absurdos como ir ao dentista e ser receitado emagrecer, ou sair de uma consulta por infecção urinária com uma receita de dieta. Eu tenho dois exemplos meus: o primeiro foi na gravidez da minha filha, que já iniciei acima do peso e passei toda gestação ouvindo o médico me mandar emagrecer mesmo com todos os exames resultarem normais e meu peso aumentar pouco durante o período. O segundo foi há pouco tempo, em uma consulta em que quando fui perguntar como proceder para fazer a cirurgia de laqueadura, esqueci o nome e perguntei “qual procedimento para fazer a cirurgia....” e ele logo completou:

¹⁰ Fonte Google, pesquisa 'origem da palavra gordo'.(02/07/2019)

“bariátrica?”. Para a medicina obesidade denota doença. Precisamos despatologizar o corpo gordo. Gordura não é a única causa de problemas na saúde. Afinal, existem muitas pessoas com peso dito ‘ideal’ mais doente do que um gordo.

A gordofobia existe desde a infância, pessoas que sempre tiveram sobrepeso sofreram anos de opressão e exclusão e trazem as marcas do passado onde, até dentro da própria família eram vistas como desleixadas, como podemos perceber nos relatos abaixo:

Desde sempre eu fui gordinha. Sempre fui a amiga gorda, a menina que os meninos "pegavam" de zoeira ou escondidos. Isso era uma coisa que me deixava muito chateada na adolescência. Me esconder nas roupas se tornou algo muito fácil e confortável. Usava legging e moletons ou camisetas da sessão masculina por serem maiores e mais compridas. A busca por me reencontrar começou por volta dos 17 anos, quando eu me dei conta que esse era o meu corpo, que ele também era lindo com cada detalhezinho dele. Nunca é fácil nos encontrarmos. Tampouco é rápido. Pode demorar muito tempo pra aceitação vir de nós mesmos e mais ainda pra ti lutar por ela perante a sociedade. Hoje o meu corpo não é algo que me incomoda mais. Sou plenamente feliz comigo mesma e deixei de dar importância para a opinião alheia que era algo que me maltratava muito, porque muitas vezes (e no meu caso era) o preconceito e os julgamentos vêm de dentro da nossa própria casa. A minha luta hj é para que mais meninas se amem e se aceitem do jeito que elas são e para que não exista só um tipo certo de corpo. Todo corpo é lindo. (T. V. ¹¹, 23 anos. Modelo e Miss plus)

Sou do estado do Amazonas, mas hoje moro em Salvador. Eu sempre fui gorda!!!Tive dificuldades de me aceitar quando adolescente. Minha família odeia gente gorda. Mas eu sofria bastante, pois minha tia queria muito que eu fosse Miss Amazonas. E nunca consegui realizar esse sonho. Já fiquei entalada na roleta, foi muito triste, mas graças a Deus deu tudo certo. Com passar do tempo fui começando a me reparar, me observar mais. Foi quando conheci o mercado plus size nas redes sociais. Ainda era escondido esse mercado. Já faz 8 anos que trabalho nesse meio. E vejo que não sou a única mulher que sofria com essa sociedade. Hoje eu apoio o bem estar da mulher. Se vc quiser ser gorda ou magra, eu apoio que ela se sinta feliz. Hoje trabalho com essas mulheres lindas. Tenho miss em cada estado fazendo meus concursos virtuais e presenciais. Sobre gordofobia: tudo começa com gente mesmo. Nos matamos pra ser aceita. Nos rejeitamos, nos deixamos frustradas e destruída pela imagem do espelho. Trabalhar com essas mulheres lindas é diferente pois vc acaba oferecendo seu ombro sua amizade. Pq temos vários relatos abusivos e humilhantes. Então acabo me aproximando de algumas. Queria passar pra elas que ser miss ou modelo Plus vai muito além de tudo. O que queremos é sermos aceitas e amadas. Não precisa aceitar, mas respeite. Aceitação vai muito além de vc se achar bonita. Autoestima exala amor. (P.D.B., 35 anos. Organizadora de concursos plus)

¹¹ Para manter o anonimato das depoentes optei por deixar as letras iniciais de seus nomes, acrescentando a idade.

Sofremos diariamente uma pressão estética, mas devemos ressaltar que isso não é gordofobia. Essa pressão é sofrida por todos os corpos que por algum motivo estão fora do padrão criado. Diferente da gordofobia que pode causar a morte¹², e se apoia em diversas falácias que denigrem, ofendem e oprimem o corpo gordo. Os locais estão sempre lembrando que seu tamanho ali não cabe, como a maioria das cadeiras em locais públicos, catracas e lojas de roupas estão sempre te impondo, mesmo que inconscientemente, a frase dita por muitos “emagrece que resolve”.

Em contrapartida, na busca da transformação, está o empoderamento plus. Um processo demorado e algumas vezes “distorcido”, pois autoestima e empoderamento não vão resolver os problemas, mas podem ajudar a compreendê-los. Quando você se empodera toma para si o direito de decisão sobre determinado assunto. No caso do gordo seria poder tomar suas próprias decisões sobre seu corpo sem a preocupação com a visão social sobre ele.

A pressão social sempre foi presente em minha vida. Sofri muito em busca do corpo ideal. Fiz cirurgia, dietas e por curtos períodos mantive o “corpo perfeito” que logo voltava a ser razão dos meus problemas. Dificuldades de encontrar roupas era o mínimo. Sofrer diariamente com comentários gordofóbicos me fez tentar tirar minha vida em um período onde questionava minha existência e meu fracasso. Depois disso tudo começou a mudar. Posso afirmar que me aceito muito mais hoje do que quando estava magra.

Empoderamento é um processo diário de você consigo, resolvendo seus medos, aceitando seu corpo, mudando seus conceitos. Você passa sua vida inteira lutando para se amar porque é muito mais difícil se aceitar do que emagrecer. Você se aceitar não vai transformar o mundo em cor-de-rosa, mas será um afrontamento para a sociedade. Hoje busco levar um pouco da minha experiência para mulheres que estão nesse processo de transformação. (A.G., 30 anos. Jornalista e ativista plus size)

Como diz A.G em seu relato empoderamento é um aprendizado diário. É saber que você não precisa estar bem todos os dias porque decidiu aceitar seu corpo. É entender que quem muda é você. As outras pessoas continuam do mesmo jeito e com os mesmos pensamentos. Assumir-se gordo não te proíbe de querer mudar, apenas te dá a liberdade de fazer porque você quer e não pelo que as outras pessoas te dizem para fazer.

¹² Exemplo mais recente foi a morte da adolescente Dielly Santos que tirou a própria vida por causa de bullying gordofóbico sofrido principalmente na escola. Detalhes em <https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-509376-morte-de-jovem-em-icoaraci-acende-debate-sobre-bullying.html>

Relato de uma ex-mulher feia :

Para muitos o título que dei a este pequeno relato pode parecer duro , mas em poucas palavras antecipa o que passei durante estes anos, pois é...sou uma ex -feia... a uns 11 anos atrás , eu era uma menina que pesava 45 kg , tinha as medidas que a maioria das pessoas consideram ideias ou aceitáveis, mas mesmo assim nunca tinha conseguido me olhar no espelho e me achar linda, por isso tenho poucas fotos desta época, meu apelido entre meus amigos era “ ossinho “ , tinha uma depressão enorme.

Tudo começou a mudar quando engravidei e tive a minha primeira filha, ainda não me sentia bonita e quando comecei a ganhar peso e ouvir os comentários das pessoas a minha volta do quanto eu estava ficando feia, comecei a comer ainda mais por ansiedade.

Durante muito tempo ouvi de todos que se aproximavam de mim, que meu casamento não ia durar e que meu marido era um santo por ainda estar comigo, não por que as pessoas acreditavam que eu era uma pessoa difícil de ser conviver, mas por que eu estava gorda, fora dos padrões aceitáveis para a sociedade, além de em muitos momentos ouvir comentários como , “ tu já foste a um médico, do jeito que tu esta gorda com certeza tem problemas de saúde ” , de certa forma esta pessoas estavam certa , sim eu tinha problemas de saúde , mas eram emocionais , por conta da forma como me sentia com tudo que estava acontecendo.

Meu processo de aceitação não começou por mim, mas pelos olhos daqueles que me amavam, minhas filhas, meu marido a todo o momento faziam eu me sentir única na vida deles, eu presa em todas aqueles comentários maldosos que ouvia , não percebi eles , os meus grande amores. Comecei um tratamento com uma psicóloga maravilhosa e que me abriu os olhos para isso, ouvir as pessoas certas, então comecei a me descobrir pelos olhos das minhas filhas, sendo assim retomei uma autoestima que eu acreditava que nunca tive, hoje não saio de casa sem me olhar no espelho, tenho prazer em escolher a minha roupa, hoje me considero uma mulher bonita, não por que acredito que fiquei mais bonita fisicamente por estar gorda, mas por que acredito que a beleza de uma pessoa vai bem além do físico, envolve questões emocionais.

Ser uma mulher negra e gorda em um país como este não é fácil, onde o padrão do corpo é imposto, onde minha etnia e meu gênero determinam quais profissões posso ter, mas estamos aí para vencer desafios, e abrir caminhos para outras mulheres que viram, como as nossas filhas. (V.D 31 anos pedagoga)

Empoderar-se é praticar a sororidade¹³ e a empatia, querer que outras pessoas também possam assumir seus corpos se libertando das amarras do padrão sociocultural.

A opção por direcionar o final deste artigo com os depoimentos dessas quatro mulheres convém, a meu ver, por deixá-las falar a partir de suas experiências concretas. Construídas a partir das marcas socioculturais do preconceito, da

¹³É um substantivo feminino que faz menção às relações de irmandade, união, afeto e amizade entre sujeitos-mulheres.

discriminação e da segregação, essas mulheres encontraram no mundo plus size a possibilidade de reinventarem as suas identidades, tal como a pesquisadora deste artigo. Por isso, cabe afirmar que há muitos lugares de aprendizagem na sociedade. Alguns, como espero ter explicitado, fortemente construídos para criar e reforçar distinções e preconceitos. Outros, com aberturas para que cada sujeito reinvente a si mesmo, aceite as suas marcas e possa ter identidades que as fortaleçam e empoderem, de fato. Trata-se, em suma, de processos de aprender a ser sujeito a partir de forças e motores que não esmaguem as subjetividades e identidades a partir de padrões normativos, mas que deem a possibilidade para que haja múltiplas formas de ser sujeito em uma sociedade que precisa reconhecer a produtividade da pluralidade de formas de corpo, inclusive.

Espero, tal como a movimentação deste artigo, que cada um/a dos leitores e leitoras, veja o potencial pedagógico em operação em nossa sociedade e o quando a educação e a pedagogia precisam analisar, também, estes processos amplos, complexos e imperativos de formação de sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste artigo apresentou a história do corpo como processo de identificação dos corpos ao longo da história, auxiliando na compreensão das mudanças que ocorreram com o passar dos anos transformando mentes e corpos em reflexos da mídia. Com a propagação do plus size o corpo gordo ganhou identidade e voz iniciando, mesmo que a passos lentos, uma mudança na visão cultural e social.

Vimos que a mídia ainda reverbera muito o culto aos corpos e a exorbitante procura pelo corpo dito perfeito a qualquer custo. Como podemos observar, o corpo gordo está em busca do seu espaço com movimentos, grupos, concursos. Esses corpos começaram a aparecer e incentivar outras pessoas, enfrentando discursos de ódio, a gordofobia e a repulsa. O corpo gordo está libertando-se das amarras da sociedade, buscando a liberdade de existir da maneira que é, mudando as heranças socioculturais e apresentando novos caminhos a serem percorridos.

Ainda há muito que mudar dentro da sociedade em relação ao corpo gordo e sua existência pacífica junto a diversidade de corpos. Mas a semente foi plantada e germina a cada dia como a esperança de que um dia será possível existir o corpo gordo sem a repulsa que o persegue. Sendo assim, concluo este artigo na esperança de que mais escritas sobre o assunto apareçam e possam ajudar tanto na compreensão quanto na motivação para uma sociedade livre de estigmas e preconceitos, onde a pluralidade de corpos possa ser vista como algo natural e fluido, onde a diferença não seja considerada errada e sim apenas uma característica individual de cada sujeito.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. - Porto Alegre: Artmed, 2009.

Barbosa, M. R., Matos, P. M. & Costa, M. E. “**Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**”, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Camozzato, Viviane Castro (2007), **Habitantes da Cibercultura: Corpos ‘gordos’ nos contemporâneos modos de produzir a si e aos ‘outros’**, Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em educação na UFRGS como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em educação.

FARHAT, Damian Guimarães Konopczyk Maluf. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje**. 2008. 30 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/118970>>.

Grieco, S. F. M. (1991). **O corpo, aparência e sexualidade**. In G. Duby & M. Perrot (Orgs.), História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna (71-120). Porto, Portugal: Edições Afrontamento

<<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-da-moda-plus-size-e-a-evolucao-dos-padroes-de-beleza/visto> em 16/04/2019> Acesso : 2019

<<https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/por-que-nao-falamos-sobre-gordofobia-23522492> visto em 30/06/2019> Acesso:2019

Silva, Tomaz Tadeu da (2000) **Identidade e diferença**, Hall, Stuart, hathryn Woodward, Editora Vozes

Tucherman, Ieda (2007) **Corpo, fragmentos e ligações: A micro-história de alguns órgãos e de certas promessas**, pag 9, *Corpos Mutantes ensaios sobre novas*